



Percepções dos Agentes Comunitários de Saúde sobre o curso técnico realizado no âmbito do Programa saúde com Agente: impacto da formação em EaD e suas tecnologias na atuação profissional

Mayara Cassimira de Souza – UFRGS – mayaracassimira.sc@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-4372-3503>

Fabiana Schneider Pires – UFRGS – fabianaspires@gmail.com;
<https://orcid.org/0000-0001-6545-524X>

Daniela Riva Knauth – UFRGS – danielaknauth@gmail.com;
<https://orcid.org/0000-0002-8641-0240>

Leandro Raizer – UFRGS – leandroraiser@gmail.com;
<https://orcid.org/0000-0002-0406-7670>

Luciana Barcellos Teixeira – UFRGS – lucianabteixeira@gmail.com;
<https://orcid.org/0000-0003-1654-3723>

Resumo: Este artigo foi desenvolvido no escopo de ações do Programa Saúde com Agente, uma formação que ofertou 200 mil vagas em dois cursos técnicos para Agentes de Saúde no Brasil. Neste estudo qualitativo, analisou-se as percepções dos agentes comunitários de saúde (ACS) sobre o desenvolvimento do curso técnico, para compreender o impacto da formação em EaD e suas tecnologias na atuação profissional. Os dados demonstraram que a adesão ao curso técnico permitiu que os ACS compreendessem a proposta do curso mediante suas experiências de atuação, assimilando o conteúdo no seu cotidiano profissional. Desta forma, a qualificação profissional, por meio da EaD, propiciou uma maior reflexão dos ACS sobre suas ações, e ofertou novos conhecimentos e ferramentas para expandirem suas possibilidades de cuidado na Atenção Primária em Saúde.

Palavras-chave: Formação Profissional; Educação a Distância; Agente Comunitário de Saúde; Atenção Primária à Saúde.

Perceptions of Community Health Agents about the technical course carried out within the scope of the Programa Saúde com Agente: impact of Distance Learning training and its technologies on professional performance

Abstract. *This article was developed within the scope of actions of the Programa Saúde com Agente, a training that offered 200 thousand places in two certificate programs for Health Agents in Brazil. In this qualitative study, the perceptions of community health agents (CHA) on the development of the certificate programs were analyzed, to understand the impact of distance learning training and its technologies on professional performance. The data demonstrated that the adherence to the certificate programs allowed the CHA to understand the course proposal through their work experiences, assimilating the content into their daily professional lives. In this way, professional qualification through DL provided CHA with greater acknowledgment on their actions and offered new acquisitions and tools to expand their care possibilities in Primary Health Care.*

Keywords: Professional qualification; Distance Learning; Community Health Agent; Primary Health Care.



1.Introdução

Os agentes comunitários de saúde (ACS) são fundamentais na expansão e consolidação da Atenção Primária à Saúde (APS). No âmbito da Estratégia Saúde da Família (ESF), os ACS efetivam ações de promoção da saúde, prevenção e controle de doenças e agravos nos territórios, contribuindo para superar desigualdades de acesso à saúde e de oferta de cuidado nos territórios. Portanto, sua atuação profissional contribui para a superação de iniquidades, e favorece uma maior resolutividade na rede de saúde, repercutindo no fortalecimento do SUS.

Em um breve resgate histórico, sabe-se que as atividades dos ACS iniciaram no Ceará, em 1987 por meio do Programa de Agentes de Saúde, e em 1991 com a criação do Programa de Agentes Comunitários de Saúde (PACS) ocorreu uma formação nacional voltada para esses trabalhadores (MOROSINI; CORBO; GUIMARÃES, 2007).

A atuação legal dos agentes comunitários de saúde ocorreu pela criação da Lei nº 10.507 em 2002. Contudo, o reconhecido como trabalhador ocorreu em 2006, por meio da Lei nº 11.350, que regulamentou a permanência dos ACS e ACE atuantes no SUS e reafirmou sua relevância na prevenção de doenças e promoção da saúde, através de ações domiciliares ou comunitárias, individuais ou coletivas, estabelecidas em conformidade com as diretrizes do SUS (BRASIL, 2006). Em 2018 houve atualizações por meio da Lei nº 13.595, de 05 de janeiro de 2018, dispendo sobre a reformulação das atribuições, das condições de trabalho, do grau de formação profissional, e da necessidade de cursos de nível técnico para a formação dos Agentes Comunitários de Saúde e dos Agentes de Combate às Endemias (ACE) (BRASIL, 2018). Neste contexto histórico de regulamentações, cabe ainda destacar que, apesar de se tratar de profissões que, reconhecidamente, desempenham funções relevantes para a consolidação do SUS, foi somente em 2023, através da Lei 14.536 que estas categorias de Agentes se tornaram profissões da saúde (BRASIL, 2023).

Frente às demandas educacionais para esses profissionais e suas atribuições primordiais para consolidação e fortalecimento do SUS, o Ministério da Saúde publicou a Portaria nº 3.241, de 7 de dezembro de 2020, que instituiu o Programa Saúde com Agente (PSA), destinado à formação técnica dos ACS e ACE em parceria com o Conselho Nacional de Secretarias Municipais de Saúde (CONASEMS) e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) (BRASIL, 2020).

Essa formação teve como objetivo fortalecer a APS ao promover a qualificação profissional das(os) ACS e ACE de acordo com as novas atribuições dessas categorias, previstas na Lei nº 13.595, de 05 de janeiro de 2018 (BRASIL, 2018). Os cursos foram ofertados a partir do Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) Mais CONASEMS, sendo realizados em modelo híbrido com atividades teóricas em Educação a Distância (EaD) e atividades práticas presenciais nos territórios. O curso foi planejado em consonância com a Política Nacional de Educação Permanente em Saúde. Considerando-se pressupostos estabelecidos na referida política, como o de que não se pode atribuir pouco valor aos conhecimentos adquiridos pelo fazer prático na saúde (BRASIL, 2009), foram elaboradas disciplinas que valorizavam os contextos e experiências práticas dos trabalhadores na saúde. Os alunos foram acompanhados nas atividades teóricas por tutores e nas atividades práticas por preceptores.



Em um contexto nacional de formação de trabalhadores, a EaD surge como uma potente ferramenta que permite ampliar e aprimorar o processo de trabalho, pois proporciona diversas aprendizagens por meio da formação de estudantes em espaços e tempos distintos (ZIEDE et al, 2023), com oportunidades de trocas de experiências entre os sujeitos. Ademais, segundo Moran (2011, p.45) a EaD tem migrado de complementar ou especial para situações educativas específicas, como “[...] uma opção importante se os objetivos são o aprendizado ao longo da vida, a formação continuada, a aceleração profissional, a conciliação entre estudo e trabalho”. Todavia, apesar desse cenário educacional vir ao encontro do acesso à formação técnica para os agentes de saúde do SUS, a integração significativa das tecnologias digitais nos processos de ensino-aprendizagem é um desafio na educação contemporânea (FATIN, 2017), sobretudo para trabalhadores que se deslocam nos territórios.

As Metodologias Ativas tem sido um conceito adotado no EaD e se refere a diversas estratégias de ensino em substituição aos métodos tradicionais, com a finalidade de abordar o conhecimento como uma construção, ao envolver a busca, a crítica, a produção, a autonomia e o compartilhamento entre os estudantes (MAFTUM e CAMPOS, 2008).

A partir do desenvolvimento dos cursos técnicos, este artigo traz análises sobre as percepções dos ACS em relação ao desenvolvimento dos cursos técnicos do Programa Saúde com Agente (PSA), e permite compreender o impacto da formação em EaD e suas tecnologias na atuação profissional.

2. Material e Métodos

Foi realizada uma abordagem qualitativa para conhecer os significados, motivações, valores e atitudes, para compreender noções muito particulares e relacionais dos processos e dos fenômenos (MINAYO, 2001, p. 22).

Os dados apresentados são relativos aos estudantes da Região Centro-Oeste do Brasil, sendo contemplados municípios que possuíam ACS participando do PSA, desenvolvendo atividades de formação na APS. Ao todo na região Centro-oeste foram realizadas 9 visitas, sendo 2 em capitais, 2 em municípios de médio porte e 5 em municípios menores do interior dos estados, totalizando a participação de 44 estudantes.

Os participantes foram os ACS que estavam cursando as disciplinas de caráter teórico-prática (segunda metade dos cursos, na cronologia das disciplinas). Eram profissionais que já haviam realizado as atividades das disciplinas teóricas com mediação e acompanhamento pelos tutores, no AVA, e estavam, no momento da produção de dados, cursando disciplinas práticas acompanhados por preceptores - profissionais de saúde dos territórios.

Para alcance do propósito do estudo foram empregadas duas técnicas de produção de dados de cunho qualitativo: as entrevistas em grupo e a observação participante. Essa combinação de técnicas são complementares e contribuíram para uma compreensão mais ampliada dos dados (POUPART, 2012).

Entrevista em grupo é uma técnica de produção de dados que visa mediar a discussão sobre um assunto de interesse comum aos participantes, portanto se apresenta



como um debate direcionado sobre um tema. Essa técnica permite a discussão entre integrantes que pertencem ao mesmo meio social tornando perceptível detalhes do convívio entre eles, não captados por meio de outra técnica de entrevista (WELLER, 2006).

Dentre os temas debatidos nos grupos de entrevistas estavam: a experiência dos estudantes na adesão ao curso de nível Técnico em Agente Comunitário de Saúde, a importância dessa formação do ponto de vista deles e o impacto dessa na sua percepção e rotina de trabalho.

As entrevistas ocorreram na oportunidade das visitas de acompanhamento aos municípios participantes do PSA, sendo realizadas por pesquisadores da UFRGS. As visitas foram previstas para monitorar o desenvolvimento dos cursos técnicos, levando em consideração as diversas realidades territoriais e condições de trabalho dos profissionais de saúde. Dentre as atividades realizadas durante as visitas estavam os encontros com os ACS.

Participaram das entrevistas os estudantes que, após a entrega da carta de apresentação da visita de acompanhamento, aceitaram e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido da pesquisa.

Os locais das entrevistas em grupo foram as salas de reuniões das secretarias de saúde (3) e de unidades de saúde (6). As entrevistas ocorreram no período matutino ou vespertino, correspondendo a 50% das atividades previstas nas visitas de acompanhamento. As entrevistas em grupo tiveram duração média de 2 horas e ocorreram no período de maio a julho de 2023, foram gravadas com a anuência dos participantes, e, posteriormente, foram transcritas na íntegra.

Por razões éticas, foi assegurado o anonimato dos participantes, e suas identidades foram preservadas sendo indicados apenas as características relevantes para a compreensão dos dados dos ACS.

Em paralelo a isso, foi desenvolvido a observação participante, que consistiu no acompanhamento de alguns entrevistados nas unidades de saúde nas quais esses atuavam. Os dados das observações foram registrados em diários de campo (POUPART, 2012).

A análise dos dados produzidos englobou a leitura das transcrições das entrevistas e dos diários de campo. A partir disso, o material selecionado foi organizado com base na Análise de Conteúdo na modalidade Temática (MINAYO, 2010) para compreensão das experiências apresentadas pelos participantes, para identificação de suas percepções e definição das categorias de análises pertinentes ao objetivo do estudo.

O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética de Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sob parecer número 5.679.570.

3. Resultados e Discussão

A análise dos dados buscou conhecer os significados da formação técnica para os participantes e o que isso representa no cotidiano de suas ações, tendo em vista suas condições históricas, socioeconômicas e culturais específicas (MINAYO, 2010).

Os dados analisados foram produzidos a partir das entrevistas coletivas com a participação de 44 ACS, sendo 41 estudantes do sexo feminino e 3 do sexo masculino. O tempo de atuação como agente variou de 3 a 26 anos, sendo que apenas 5 tinham até 3



anos de atuação e os demais já atuavam há mais de 10 anos. Em relação à faixa etária, a maioria das mulheres tinha entre 40 e 60 anos. Em relação aos homens, 2 eram jovens adultos e 1 também estava na faixa etária entre 40 a 50 anos. Todos os participantes eram servidores públicos estatutários.

As categorias de análise foram: adesão e acesso ao curso técnico e percepções sobre o impacto do curso na rotina de trabalho. Os dados das falas dos participantes foram também associados às observações de campo, corroborando para uma compreensão mais consistente do contexto analisado.

4. Acesso e adesão ao curso de nível em Agente Comunitário de Saúde

No diálogo construído nas entrevistas em grupos com os ACS, houve amplos relatos sobre a adesão ao curso de nível Técnico em Agente Comunitário de Saúde. Dentre as vivências nesse processo, a adaptação tecnológica, as estratégias para aderir à plataforma e o entendimento do conteúdo foram profundamente narrados. Assim, esse primeiro tópico apresenta as experiências relatadas para aderir ao PSA, ao acessar o AVA Mais CONASEMS e para adaptar as práticas pedagógicas ofertadas no curso de ACS.

Inicialmente, vários relatos nas discussões em grupo suscitaram as dificuldades tecnológicas vivenciadas pelos agentes ao acessar o curso técnico e as estratégias para superar essas dificuldades, como descrito a seguir:

O desafio foi a internet, o sistema, já que não sou tão novinha! Por isso, para mim não foi tão flexível, foi embaraçado, tive que recorrer ao meu filho que é mais jovem. Mas, a tutora ajudou, até pelo WhatsApp, super compreensiva. Os colegas também me ajudaram. Faltou foi tempo, tempo de sentar mais no computador, porque são muitas ações, atividades, textos... (Mulher, 22 anos de atuação).

O relato acima sinaliza para barreiras de acesso que se colocam tanto no nível individual, como a idade da estudante, como no nível social, representada aqui pela pouca familiaridade com os meios digitais. Esses dados corroboram com estudos que apontam que os obstáculos para incorporação tecnológica no contexto da educação são decorrentes do baixo domínio tecnológico e da desigualdade digital (BAKAR et al, 2015), da ausência de planejamento prévio e da falta de conhecimento quanto ao método de aplicação desses recursos para o processo de ensino e aprendizagem (DAHLSTROM, BROOKS e BICHSEL, 2014). Os autores Echalar e Peixoto (2017, p. 396) também ressaltam a problemática em torno do acesso aos recursos digitais educacionais como resultante do “prolongamento de desigualdades econômicas e sociais pré-existentes”. Portanto, as desigualdades digitais são destacadas entre os entraves para adesão de estudantes ao Ead, além de ocasionarem uma exclusão digital e social (FATIN, 2017).

No Brasil, apesar dos dados da pesquisa TIC Domicílios 2023, do Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (CETIC, 2023), indicar um aumento no percentual (80% para 84%) de residências conectadas à internet entre 2022 e 2023, a exclusão digital permanece nas periferias urbanas do país, com perfil de



peessoas pretas e pardas, somente com o ensino fundamental, acima de 60 anos ou mais e pertencentes às classes D-E.

Os smartphones seguem como o dispositivo mais utilizado para o acesso à internet. As discussões em grupo também evidenciaram acesso dos estudantes ao curso por meio celulares, em virtude de não possuírem computador em casa. O acesso aos conteúdos do curso através de computador ou tablet foi possível apenas nas unidades de saúde. Nos relatos a seguir as ACS descrevem como essas experiências são percebidas por elas:

Foi difícil sim, o acesso tecnológico foi difícil, desde a inscrição! Muitos não têm essa habilidade de lidar, olhar as instruções no portal e seguir o portal, você entendeu? Por isso que alguns desistiram ... na parte de inscrição, eu achei muito difícil a parte dos documentos, tipo: tamanho do arquivo. A foto do documento tinha que ser 1 MB, o que é isso? Nós não temos um celular com essa tecnologia para tirar uma foto. Eu achei muito complicado isso, muito! (Mulher, 17 anos de atuação, trabalhadora de zona rural).

Em termos do curso o que eu achei mais difícil, foi sobre a questão de digitação, porque a gente sendo pessoa mais de idade, não aprendeu a mexer, inclusive uma colega nossa desistiu por conta disso. (Mulher, 18 anos de atuação).

Nossos dados indicam que as desigualdades digitais no Centro-Oeste se devem mais pela falta de equipamentos tecnológicos que permitam um acesso de maior qualidade à internet, do que pelo acesso em si. Ou seja, o uso diário do celular permitiu acesso à plataforma, no entanto, limitações dos aparelhos e da própria linguagem da informática - 1 MB, o que é isso? - apresentaram-se como novos desafios.

Ademais, o domínio dos recursos digitais foi destacado como um grande empecilho à adaptação tecnológica ao EaD. Diante disso, foi possível compreender que os desafios de acesso tecnológico se deram desde a inscrição e se vincularam a questões geracionais, sendo associado pelos próprios ACS ao fator etário no entendimento da linguagem e das ferramentas digitais. Portanto, quanto maior a faixa etária maior foram as dificuldades de domínio tecnológico. Em relação ao nível de instrução dos participantes, muitos já possuíam curso técnico ou graduação e justificaram a falta de experiências anteriores com o EaD um desafio para a adesão ao modelo de ensino proposto.

Quanto à ausência de planejamento e falta de conhecimento para aplicar o uso das tecnologias, diversos autores (DAHLSTROM, BROOKS e BICHSEL, 2014; FATIN, 2017) ressaltam a ausência de preparo dos docentes para lidar e mediar as tecnologias na educação. Frente a isso, foi suscitado pelos participantes o apoio dos tutores para se adaptarem ao AVA Mais CONASEMS; porém, foi destacado pelos estudantes o desejo de que fossem treinados previamente para lidar com a plataforma e que tivessem acompanhamento presencial desde o início do curso para terem maior domínio tecnológico.

Acredito que seja um grande passo esse tipo de formação continuada para a categoria e para o Sistema Único de Saúde. Melhorar o acesso para as pessoas com pouco conhecimento em informática e ter preceptores desde o início do curso (Homem, 3 anos de atuação).

Dificuldades com a plataforma, faltou capacitação para acessar ou movimentar essa, que fosse mais simplificado, que fosse orientado como manusear, para aprender a acessar. Alguns não tinham habilidade de mexer no computador, mas compreendiam a linguagem, o conteúdo, o problema era a internet, o computador, muitos fizeram o curso pelos celulares (Mulher, 18 anos de atuação).

Outro ponto destacado foi que apesar das dificuldades tecnológicas, a linguagem e os recursos pedagógicos (vídeos, conteúdos, fóruns, atividades interativas, avaliativas e presenciais, oferta de materiais complementares, e outros) foram avaliados positivamente e reconhecidos para a aproximação de outras realidades brasileiras. Com muita clareza os ACS descreveram suas experiências com esses recursos e exemplificam a ampliação de suas percepções quanto a diferentes territórios:

O material é muito rico, muita coisa interativa, a gente vê os vídeos de outros agentes (de outros locais) e vê que é igual a nossa realidade (Mulher, 11 anos de atuação).

É uma percepção bem positiva do curso. Foi um aparato técnico de conhecimento que tem quase o nível de qualidade do nível superior... Eu tive dificuldade em ler os ebooks, são longos! Como trabalho, faço faculdade, eu tive que diminuir minha hora de sono e não quero deixar nada do curso para trás, entendeu? E quanto aos vídeos, as experiências que a gente via, das histórias com os indígenas, o desafio deles (ACS) é muito maior com a cultura (Homem, 20 anos de atuação).

Cabe sublinhar que a EaD é voltada para o aprendizado de adultos, uma vez que favorece que profissionais possam ter uma educação continuada e atrelada a realidade e demanda de trabalho de cada época (MEIRELLES, 2020). No entanto, a rotina de trabalho habitual e demais compromissos profissionais e pessoais dos estudantes foram tidos como um limitador na adesão e adaptação das propostas pedagógicas do curso.

A partir dos desafios para adesão ao PSA várias estratégias foram relatadas pelos ACS para superar esses e conseguirem êxito no acompanhamento do curso técnico. Entre elas estava o diálogo com os tutores, o suporte técnico de familiares e de outros estudantes para o acesso à plataforma e compreensão das atividades.

Tive muita dificuldade com a plataforma, foi muito importante a ajuda das colegas da minha UBS e do meu esposo. Outro desafio foi conciliar o curso com o serviço de ACS não foi fácil, principalmente ao conciliar a parte online com a prática (Mulher, 22 anos de atuação).



Embora os recursos tecnológicos sejam de grande importância para o processo de aprendizagem, a tutoria exerce papel fundamental na Educação à distância. Assim, ainda que haja empenho dos estudantes, a aprendizagem por meios digitais não dispensa o estímulo e a orientação de mediadores nessa modalidade de ensino (FATIN, 2017). Diante disso, mesmo após aderirem ao curso EaD, a presença de um mediador desde o início foi tida como favorável ao processo de aprendizagem no AVA. Neste sentido, a atuação do tutor foi fundamental para estimular a participação e o engajamento dos alunos, de forma que pudessem reconhecer suas boas práticas, mesmo em contextos desafiadores. Além disso, se constatou que os tutores não se limitaram às mediações das atividades pedagógicas, mas se envolveram no apoio para orientações quanto ao uso tecnológico.

Por fim, em todas as entrevistas em grupo foi citado o apoio familiar (cônjuges, filhos, netos) no uso da tecnologia e diversas formas de suporte entre os próprios estudantes. Dentre as estratégias construídas coletivamente entre os agentes, está o apoio individual ou em grupo no aprendizado para manusear o AVA Mais CONASEMS e encontros semanais entre agentes para estudo e realização das atividades. Esses encontros foram alicerçados com base em um ACS mais jovem, com maior familiaridade tecnológica, para oferecer suporte aos agentes com maiores dificuldades. Os estudantes, além de se apoiar tecnicamente, também foram fonte de suporte emocional uns aos outros, incentivando o grupo na superação dos desafios e na permanência no curso.

5. O impacto da formação técnica do PSA na rotina de trabalho dos ACS

As metodologias ativas em EaD se fundamentam nos modelos dinâmicos que consideram o estudante em sua multiplicidade, assim o conhecimento é obtido à medida que ele reconstrói os conceitos ministrados e os solidificam em opiniões que o apoiam na percepção da realidade. Com base nisso, a aprendizagem significa adquirir ferramentas para que o estudante acesse, compreenda e reelabore o conhecimento nos contextos que vive (ROLIM e SCARAMUZZA, 2016).

Os dados interpretados na primeira categoria permitiram analisar que perante os desafios na adesão ao curso Técnico em Agente Comunitário, os estudantes construíram estratégias coletivas para o acompanhamento da formação em EaD. E, que a adaptação tecnológica esteve vinculada a compreensão pedagógica da formação técnica e a assimilação diária do conteúdo, por isso a segunda categoria que emergiu das entrevistas com os ACS foi relacionada ao impacto do curso de nível Técnico em Agente Comunitário de Saúde na atuação profissional desses. A narrativa a seguir retrata como o curso integra os conhecimentos e agrega na prática profissional:

Renovação de conhecimentos, mudando um pouco a forma de ver cada situação. A gente se deparava com uma situação de família e ficava sem saber como direcionar as coisas. Com o curso a gente tem outra visão, outra forma de encarar a situação, se orientando e buscando ajuda com a equipe e os enfermeiros (Mulher, 22 anos de atuação).

Os dados interpretados reforçam as prerrogativas de Meirelles (2020) que aponta que o estudante da EaD ao recorrer ao ensino em busca de uma formação ou



especialização profissional, requer práticas que possuam significado. Isso permite inserir no processo ensino e aprendizagem as vivências do educando, e contribuindo para o seu protagonismo (MEIRELLES, 2020). Deste modo, foi possível analisar que os agentes durante a formação técnica conseguiam associar o conhecimento a realidade do trabalho e ao se manterem conectados ao AVA, buscavam situações que pudessem assimilar ao conteúdo do curso técnico:

Percebo que as coisas estavam ficando rotineiras, certas coisas ficando no esquecimento. Com o curso foi renovando, você começa a fazer as visitas e aí lembra o que estudou lá, e diz: opa, vou anotar isso, escrever isso lá (curso) (Mulher, 19 anos de atuação).

Em vista disso, quando a adaptação tecnológica favorece uma integração significativa das tecnologias digitais nos processos de ensino-aprendizagem ela se torna uma vertente transformadora que propicia diferentes formas de diálogo com o território (FATIN, 2017). Ademais, as interpretações apontam que o curso propiciou o compartilhamento de experiências não só pelo apoio dos colegas com as tecnologias, mas possibilitou novos significados da vivência profissional ao reconhecer outras realidades contribuindo para o trabalho em equipe:

O curso está agregando valores, me ensinando a trabalhar em equipe, a conviver em equipes diferentes, com ACS de outras unidades e com os ACE, que ainda não tínhamos contato (Mulher, 25 anos de atuação).

Os dados destacam as contribuições do curso técnico para o convívio em equipe, desde a construção de estratégias entre colegas para aderir ao AVA e realizar as atividades propostas à autonomia perante a capacidade crítica de cada (MAFTUM e CAMPOS, 2008). Esse processo tornou a aprendizagem mais significativa, levando o estudante a refletir sobre seu saber e prática, auxiliando no desenvolvimento da autonomia e protagonismo no trabalho em equipe e frente às demandas dos territórios.

Quando comecei, na pandemia, tinha muita insegurança, cheguei numa área descoberta, que nunca teve agente. O curso me trouxe segurança, mesmo com as incertezas nas visitas, estou mais confiante, sei que estou fazendo certo. (Mulher, 3 anos de atuação).

Por fim, o processo de ensino-aprendizado mediado pelo AVA Mais CONASEMS permitiu a construção do conhecimento pelo reconhecimento das experiências anteriores dos ACS e pela inserção de novos conhecimentos baseado nos seus contextos territoriais:

“Achei que seria mais um curso... muitas coisas me fez relembrar, rebobinar, resgatar coisas que estavam no meu esquecimento, coisas que já sabia. Mas, com os conhecimentos que eu adquiri no curso, eu tenho a certeza que a minha qualidade de visita está melhor do que antes, porque desenvolvemos percepções que não tínhamos” (Mulher, 25 anos de atuação).



As interpretações nessa perspectiva permitem entender que os estudantes reconhecem que os conteúdos do curso técnico não eram distantes de seu conhecimento e experiências existentes, todavia trouxeram novos saberes que favorecem sua atuação profissional por esses desenvolverem percepções capazes de ampliar sua qualidade de trabalho.

6. Conclusões

Os dados demonstraram que a adesão ao curso de nível Técnico em Agente Comunitário de Saúde permitiu que os ACS compreendessem a proposta do curso mediante suas experiências de atuação, assimilando o conteúdo no seu cotidiano profissional.

Frente a isso, apesar dos desafios tecnológicos e de tempo vivenciados pelos ACS, a compreensão dos conteúdos e apoio da tutoria e preceptoria, favoreceu um maior significado na continuação do curso, e contribuiu ao longo do desenvolvimento do curso para a mudança de percepções nas abordagens em saúde. Desta forma, a qualificação profissional por meio da EaD propiciou uma maior reflexão dos ACS de sua atuação nos diferentes territórios, ofertando novos conhecimentos e ferramentas para expandirem suas possibilidades de cuidado na APS. Os preceitos de produção de conhecimento a partir da Política Nacional de Educação Permanente e de Metodologias Ativas no EaD, que valorizam a experiência prática dos ACS, promovem uma aprendizagem significativa e contextualizada. Por conseguinte, quanto mais próximos dessa perspectiva, mais os Ambientes Virtuais de Aprendizagem poderão favorecer processos de ensino-aprendizagem capazes de transformar as práticas profissionais, qualificando-as, por meio de reflexões a partir da realidade a qual os agentes se inserem.

Pesquisas que abordam o ponto de vista dos agentes na sua formação e atuação profissional podem aprofundar as compreensões sobre as perspectivas desses profissionais e a qualificar suas competências na APS.

Referências

BAKAR, B.A.; ISA, N.M.; SANI, M.M.; SHAHBUDIN, S. E-Supervision system for undergraduates final year project. *In: International Conference on Engineering Education*, v.7, 2015, Kanazawa. Anais. Piscataway (NJ): IEEE, p.155-159, 2015.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria no 648, de 28 de março de 2006. Dispõe sobre a revisão de diretrizes e normas para a organização da Atenção Básica para o Programa da Saúde da Família (PSF) e o Programa de Agentes Comunitários de Saúde (PACS). Diário Oficial da União, 2006.

BRASIL. Lei nº 13.595, de 5 de janeiro de 2018. Altera a Lei nº 11.350, de 5 de outubro de 2006. Diário Oficial da União; 2018.

BRASIL. Lei nº 14.536, de 20 de janeiro de 2020. Altera a Lei nº 11.350, de 5 de outubro de 2006. Diário Oficial da União; 2020.



BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria GM/MS nº 3.421, de 07 de dezembro de 2020. Institui o Programa Saúde com Agente, destinado à formação técnica dos Agentes Comunitários de Saúde e dos Agentes de Combate às Endemias. Diário Oficial da União 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde. Departamento de Gestão da Educação em Saúde. Política Nacional de

Educação Permanente em Saúde / Ministério da Saúde, Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde, Departamento de Gestão da Educação em Saúde. – Brasília: Ministério da Saúde, 2009.

CETIC – CENTRO REGIONAL DE ESTUDOS PARA O DESENVOLVIMENTO DA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO. Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros: TIC domicílios 2023. CETIC, 2023. Disponível em: <https://cetic.br/pt/tics/domicilios/2023/domicilios/A/>. Acesso em: 28 abr. 2024.

DAHLSTROM, E.; BROOKS, D.C.; BICHSEL, J. The current ecosystem of learning management systems in higher education: student, faculty, and IT perspectives Research report. Louisville: Ecar, 2014.

ECHALAR, A.D.L.F.; PEIXOTO, J. Programa Um Computador por Aluno: o acesso às tecnologias digitais como estratégia para a redução das desigualdades sociais. Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação, Rio de Janeiro, v. 25, n. 95, p. 393-413, 2017.

MAFTUM, M.A.; CAMPOS, J.B. Capacitação pedagógica na modalidade de Educação a Distância: desafio para ativar processos de mudança na formação de profissionais de saúde. Cogitare Enfermagem, v.13, n.1, p.132–139, 2008.

MEIRELLES, K. Reflexões históricas e considerações teóricas em torno da educação a distância e da educação de adultos. Revista EDaPECI, v. 20, n. 2, p.68-81, 2020.

MINAYO, M.C.S. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: 2010.

MINAYO, M.C.S (org.). Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MORAN, J.M. Desafios da Educação a Distância no Brasil. In: VALENTE, José Armando; MORAN, José Manuel; ARANTES, Valéria Amorim (Org.). Educação a Distância: pontos e contrapontos. São Paulo: Summus, 2011.

MOROSINI, M.V; CORBO, A.M.D; GUIMARÃES, C.C. O agente comunitário de saúde no âmbito das políticas voltadas para a atenção básica: concepções do trabalho e da



formação profissional. Trabalho, Educação e Saúde, Rio de Janeiro, v.5, n.2, p.287-310, 2007.

POUPART, J. A entrevista de tipo qualitativo: considerações epistemológicas, teóricas e metodológicas. In: POUPART, J. et al. (Org.). A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis: Vozes, 2012.

ZIEDE, M.K.L.; REAL, L.M.C; FRIEDRICH, D.B.C.; SILOCCHI, C.; PIRES, F.S. Educação a distância: curso de formação de tutores e supervisores para cursos técnicos de saúde no Brasil. New Trends in Qualitative Reseach, v.17, 2023.

WELLER, W. Grupos de discussão na pesquisa com adolescentes e jovens: aportes teórico-metodológicos e análise de uma experiência com o método. Educação e pesquisa, v. 32, p. 241-260, 2006.